

## DE RELATO EM RELATO...

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

A história da cidade de Campinas se nos apresenta com múltiplos aspectos a serem ainda desvendados o que, em verdade, não constitui novidade, em decorrência da importância que sempre teve no contexto nacional desde sua fundação até nossos dias.

Na contemporaneidade não se tem mais apenas relatos esparsos ou gravados na documentação oficial onde, por vezes, alguns extremados bairristas deixaram suas impressões, uma vez que contamos hoje com várias publicações, dissertações de mestrado, teses de doutorado, depoimentos orais, além do trabalho que pelo menos há quinze anos vem sendo realizado pelo Centro de Memória - UNICAMP, para melhor analisar e complementar a historiografia campineira.

Todavia, vale sempre revisitar, quando encontrados, muitos textos esparsos, para que, paulatinamente, vá se tendo outros olhares sobre a história da cidade.

Nesse sentido são as - **Reminiscências de Campinas** - um singelo opúsculo, com lembranças deixadas da infância e adolescência por uma dama da sociedade campineira de outrora - D<sup>a</sup> Vitalina Pompêo de Camargo - com linguagem simples e eivada de saudades, que a fez reviver sua terra natal.

Ao longo de trinta e sete páginas procurou enfatizar, de um lado, as amizades duradouras sobretudo em família, as festas atraentes que sempre eram realizadas, a demonstrar o poderio econômico dos barões do café e, de outro, com detalhamento, demonstrou a influência de alguns imigrantes estrangeiros que a Campinas chegaram e que ao trabalharem com as plantas da terra acabaram por difundir curas para vários males,

chegando mesmo a serem recorridos por competentes médicos da época descrita (1880-1910), muito embora os farmacêuticos natos não os vissem com bons olhos pela crescente influência exercida nos moradores tanto da zona rural quanto urbana.

Mas não ficariam aí suas **Reminiscências**: falou ainda dos colégios, da instrução, da cultura da gente campineira, da hospedagem acolhedora, das artes, dos músicos, das associações musicais... Entretanto, me chamou a atenção, principalmente com o intuito de poder melhor vivenciar a mentalidade da elite campineira de outrora, a maneira como se referiu à escravidão, a postura e o papel do escravo e depois do homem livre, da sua maneira de viver e sentir, do tratamento a ele dispensado, além do enfoque sobre a atuação que a mulher campineira poderia vir a desempenhar.

Claro que a educação da mulher de alta sociedade a partir de meados do século XIX, a colocava entre dois caminhos: ou o do casamento ou o do convento. Para tanto, havia toda uma formação que passava da prática religiosa e da caridade ao esmero de bem receber, bordar, tocar piano e aprender a ser submissa. Por isso mesmo é admirável alguém, fruto dessa sociedade, haver deixado algumas páginas escritas, apesar de eivadas de sentimentos confusos, impregnadas da influência patriarcal de seu meio mas que, cá e acolá, deixou entrever a vontade que sentiu em que essa sociedade fosse mais igualitária e que as mulheres pudessem agir mais livremente a fim de cooperarem de fato para o desenvolvimento não apenas da família mas também de sua cidade.

Acreditava que Campinas poderia caminhar nesse sentido, principalmente para acabar de vez com o "boato" (assim ela se referiu) de que aqui fora a cidade onde os negros receberam o pior tratamento no Brasil. Para tanto, narrou alguns momentos em que (e há aí generalizada confusão de papéis) brancos e negros estiveram batalhando lado a lado para interceptar a ação de maus elementos que tentavam perturbar a vida da então pacata cidade, além de mencionar como as amas de leite "respeitavam, gostavam e eram gratas" (as expressões são dela...) aos seus amos. Por serem elas dessa maneira tão de dentro das famílias, acreditava Da Vitalina que, junto com suas senhoras, poderiam ter dinamizado o relacionamento entre todos. Por outro lado, admirava as relações de compadrio, propondo que estas continuassem para sempre,

além de haver também sugerido incentivo às festas patrióticas, a fim de que a vida pudesse prosseguir feliz e harmoniosa para todos (não viu em nenhum momento as dificuldades e opressões pelas quais passavam os negros, embora deixe entrever nesse seu relato os preconceitos existentes contra eles e também com relação a mulher). Isso levou-me a inferir que, ao lado de suas lembranças não quis privatizar seus sonhos em prol da cultura, da paz e da justiça, o que me fez refletir uma vez mais na oportuna expressão de Paulo Freire, quando dizia: *Ai daqueles, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar; ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora; ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã se atrelem a um passado de exploração e rotina.*

Vale dizer ainda que, como toda reconstrução histórica tende a esclarecer, de um lado, os fatos e de outro, um discurso que os envolve, significa colocar também que o fato de alguém recordar algo está sempre articulado com várias reminiscências de outros indivíduos, numa configuração sócio-cultural determinada, fruto das mudanças produzidas ao longo do processo histórico, sejam elas de caráter econômico, político e até religioso, mas que tenham levado a um impacto tanto no social quanto no individual.

Daí o significado da análise do(s) relato(s) produzido(s) num contexto particular, mas que, de alguma maneira esteja(m) umbricado(s) no social. E este é o caso do presente *naif* testemunho, datado de 1951, havendo, por certo, muitos outros a serem ainda encontrados e investigados.